

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 74 — Domingo, 7 de Novembro de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Prove...

CASALINHO

e terá escolhido o seu vinho!

AVENÇA

LIGAÇÃO LISBOA - ALGARVE

A ESTRADA BEJA-MÉRTOLA

ENCONTRA-SE NUM LAMENTÁVEL ESTADO DE ABANDONO, IMPONDO-SE A SUA URGENTE REPARAÇÃO

É FORA de dúvidas que a estrada que melhor serve a ligação de Lisboa com o sotavento algarvio é a que vem directa a Beja, e daquela cidade a Mértola e a esta vila. Preferem-na, em geral, todos os automobilistas, os camionistas que fazem comércio entre esta região e a capital, e, principalmente, o turismo que se destina a esta zona do Algarve e à fronteira espanhola. A razão é simples: além de encurtar distâncias, o seu traçado não sofre as voltas e reviravoltas das outras duas estradas, que também fazem ligação com esta província.

Acontece, porém, que o troço compreendido entre Mértola e Beja se encontra há muitos anos num deplorável estado de abandono, que nada justifica, o que a torna quase completamente intransitável. Não há automobilista que, tendo de utilizar essa estrada, não sofra os inconvenientes e aborrecimentos do seu péssimo estado, sendo constantes as queixas de quantos se vêem obrigados a percorrê-la.

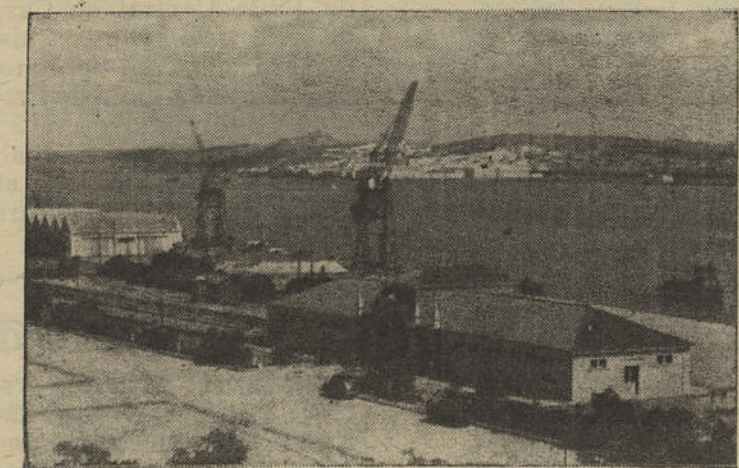
URBANIZAÇÃO

DE VILA REAL S. ANTÓNIO E MONTE GORDO

A FIM de proceder a estudos relacionados com o Ante-Plano de Urbanização de Vila Real de Santo António, esteve, há dias, nesta vila, o sr. arquitecto Jorge Ribeiro de Oliveira, que foi recebido pelo sr. dr. Alonso Vasques, presidente da Câmara Municipal.

Também, com fins idênticos, esteve em Monte Gordo nos passados dias 29 e 30 de Outubro, o sr. arquitecto Paulo Cunha, técnico distintíssimo da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, que é o autor do Plano referente àquela Praia, o qual, segundo nos informam, deve estar concluído muito brevemente, devendo ser apresentado durante o próximo mês de Janeiro.

QUANDO CHEGARÁ A NOSSA VEZ?



TEM sido extraordinariamente intensa a actividade desenvolvida, ao longo de todo o litoral português, pela Junta Central da Casa dos Pescadores, com a edificação de novos bairros e ampliação dos existentes, com novas moradias. Como resultante desse ritmo, encontram-se espalhadas, do Minho ao Algarve, 1.512 mora-

dias, assim distribuídas: Vila Praia de Ancora, trinta casas; Viana do Castelo, cinquenta; Vila do Conde, dezasseis; Matosinhos, cento e vinte; Torreira, doze; Afurada, oitenta e oito; Espinho, cento e noventa; S. Jacinto, vinte e oito; Furadouro, dezoito; Ilhavo, dez; Figueira da Foz, dezasseis; Vieira de Leiria, dezasseis; (CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

INAUGURA-SE HOJE EM ALBUFEIRA

UM BAIRRO DE CINQUENTA CASAS PARA PESCADORES

Albufeira, que se orgulha de possuir uma das mais lindas praias do Algarve, é uma vila progressiva e um importante centro piscatório. Reconhecendo esta última circunstância, a Junta Central da Casa dos Pescadores fez ali construir um bairro de 50 casas para pescadores, de colaboração com a respectiva Câmara Municipal, que, além da cedência do terreno, fez também, em participação com o Estado, todos os trabalhos de urbanização, obra que importou em cerca de 250 contos.

Das moradias que compõem o Bairro, num total de cinquenta, dezasseis dispõem de dois quartos, cozinha, sala comum e instalações sanitárias, e trinta



e quatro, com três quartos, cozinha, sala comum e instalações sanitárias — dispondo todas de água cana-

lizada, electricidade, esgotos, e, cada uma delas, de um pequeno logradouro.

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

BALANÇA COMERCIAL DA PROVÍNCIA

O VALOR DA ALFARROBA

POR nos parecer muito interessante, reproduzimos do Serviço Informativo da Junta Nacional das Frutas o seguinte artigo:

«Entre os nossos mais importantes frutos de exportação, conta-se a alfarroba, cujo comércio com o exterior, no triénio de 1951-1954, representou para o País uma entrada média anual de aproximadamente cinquenta mil contos!

Nem sempre, porém, a comercialização deste produto se tem mantido neste nível, havendo a registar alguns períodos de crise, os quais imediatamente se vieram reflectir na economia do Algarve, que é, como sabemos, a única província do País onde a alfarroba se cultiva em escala industrial; aí ocupa extensas áreas, indo-se encontrar por toda a parte, quer em consociação com a figueira e amendoeira, formando verdadeiros pomares, quer isolada, quer ainda em povoamentos estremos de regime quase florestal, nos povos solos pedregosos do norte da

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

APONTAMENTO CRÍTICO

ANA SEGHERS

Por N. RODRIGUES PENA

A ALEMANHA, que deu altos espíritos como Goethe, Heine, Beethoven, Hegel e tantos outros, que se revelaram nos campos da arte e da ciência, nada produziu de bom, nos dramáticos e sombrios tempos do nazismo. Mais do que qualquer outra actividade, a arte necessita de condições que propiciem aos homens um ambiente de liberdade e de calma para se dedicarem tranquilamente à criação da sua obra. Todos os notáveis escritores contemporâneos da língua

germânica se incompatibilizaram, logo de início, com o regime hitleriano e escolheram outros países para viverem. Assim aconteceu a Thomas Mann, a Remarque e a tantos outros, que passaram a viver noutras terras da Europa ou da América. Alguns, por motivos ignorados ou levados pela nostalgia da Pátria, regressaram mais tarde à Alemanha, mas o esquecimento desceu sobre esses nomes e dir-se-ia que morreram prematuramente para o público. Foi o caso de Ernest Glaeser, o autor de «A Paz», há anos traduzido por uma editora de Lisboa, pelo dr. Campos Lima, que nada mais produziu, ou, pelo menos, tudo o que veio a escrever não passou do anonimato. Deste escritor que, como Remarque, analisou o período pós-guerra de 1914-18, existem traduções fran-

cesas e brasileiras, sendo «Último Civil» e «Classe 1902», traduzidos pelo conhecido escritor Erico Veríssimo.

«A política dirigida» seguida estritamente pelo governo de Hitler se levou a Alemanha à maior das catástrofes, no campo das coisas do espírito mostrou-se inteiramente hostil ao desenvolvimento da arte, reduzindo-a à caricatura mais grosseira, só concebível numa cabeça dum Goebbels ou dum Rosenberg, os teóricos máximos do regime. Basta aqui citar a frase dum escritor do tempo, laureado pelo nacional-socialismo, Hans Jost, para mostrar a miséria do pensamento a que por lá se chegara: «Quando ouço falar em cultura, apalpo sempre o meu revólver.»

Na «Antologia do conto moder-» (CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

CHÁVENAS DE CAFÉ

QUASE AMARGO

PELO DR. CRUZ MALPIQUE

INTOLERÂNCIA

Odiosa coisa o espírito de confraria, de seita, coterie, de panelinha, ou de escola. É um espírito com perspectivas de batráquio, só vendo os horizontes do seu charco, negando a pés juntos que outras vistas se desdortinem para além. A entrada de qualquer seita se encontra a fatal inscrição:

Nul n'aura de l'esprit, hors nous et nos amis.

Dr. José Rocheta

Com sua esposa e filho, esteve, durante alguns dias, na sua casa de Monte Gordo, o nosso prezado amigo e assinante, sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, distinto clínico em Lisboa.

TERMOS DELICADOS E

TERMOS GROSSEIROS

Camões n'Os Lusíadas escreve sem rebuços o verbo parir (III, 1; IV, 36; IX, 23 e 53). Nas suas comédias vêm também muitas expressões que hoje, por um tanto grosseiras, deixámos de empregar. Rabelais, Gil Vicente e Shakespeare empregaram fraseado de quase fazer cólar um macaco. O parir doutro tempo o substituímos nós pelo dar à luz. O dar à luz também já vai sendo substituído pelo eufemismo «teve a sua délivrance».

Onde é que já vai o tratante e o traficante para designarem comerciante... O delicado de hoje será o inde-» (CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Diário

A defesa do indivíduo, a suprema realidade do indivíduo, o indivíduo isto, o indivíduo aquilo. Lérias. Não conheço ninguém que seja o que gostaria de ser. Não sei de um indivíduo (dentro da minha classe) que se tivesse realizado. Das raparigas «do meu tempo» restam destroços. Uma perna, um braço, um perfil, um nariz... Tudo disperso, desconexo, como nas pinturas sobre-realistas.

Penso que todo o tempo é pouco para conferir a Caixa, as tarefas officinais, o desgaste das máquinas, o problema da concorrência. Para pensar no indivíduo fica, realmente, uma quase nula margem de tempo. A não ser, é claro, quando se trate de proferir um belo discurso ou escrever um flamante artigo de jornal.

Frase pequena, verdade grande

Para certas pessoas, a assinatura dos outros analisa-se pela caneta que as escreve.

Compreensão

A minha rua está impossível. Esventrada. Montes de ferro, de calça, de terra húmida. Os trabalhadores descarregam pedra, máquinas. Raramente falam. A chuva cai. Vejo-lhes a camisa com remendos, colada ao corpo. Parecem tristes, longe. Mas não. São apenas austeros. Mas a delicadeza sem mancha, a camaradagem com que estendem uma tábua na lama para eu passar! Eles compreendem, sem palavras, que para muita gente os sapatos custam a ganhar.

Ainda:

Ao meio dia, estendem tábuas sobre um cartinho de mão e a mesa está posta. Se não chove, no passelo; se chove, no vão da minha casa. Querem ver? Há dias um deles pediu-me um livro para ler depois do almoço! Estava todo sujo de terra, de ferrugem. Fiquei a olhá-lo, sem proferir uma palavra. A vida tem momentos bons. Vou enchendo com eles a sacola.

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

A CONTRADANÇA DOS NOMES

ANTÓNIOS E MARIAS

Por MARCOS ALGARVE

OS nomes, em Portugal, sofrem também a influência da Moda — essa venerável matrona que se não deixa narcotizar pelas quatro estações do ano.

Um oficial meu amigo, que esteve em França na primeira grande guerra, contou-me diversos episódios que presenciou na vida das trincheiras.

Um dos que mais sabor exótico me forneceu, foi este: os ingleses não chamavam aos nossos soldados os portugueses, mas sim os Antónios. E' que a profusão deste nome era espantosa.

E os descendentes de John Bull, com o seu humorismo sóbrio, metiam assim a ridículo a nossa maneira de ser patriota. Na mesma altura, o ministro João Chagas, com a sua rebeldia nata e o profundo conhecimento da língua francesa, ria-se em Paris

do francês macarrónico que o seu chefe político, Afonso Costa, usava nas conversas diplomáticas com os estadistas franceses...

Os romancistas populares da França, como Eugénio Sue, Xavier de Montepin e Emilio Richebourg, não pouco concorreram, com o seu romantismo exagerado, para a difusão de nomes franceses contidos nas suas obras de fantasia. «A Filha Maldita», de Richebourg, fascinou de tal maneira uma de minhas irmãs, que ao nascer o seu

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

«Noticias do Algarve»

O nosso prezado colega, «Os Transportes», transcreveu parte de uma local que, a propósito do «racionamento» de rápidos diários e da «eficiência da C. P.», publicámos num dos nossos últimos números. Agradecemos.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Em gozo de licença, partiu para o Norte do País, com sua esposa, o nosso amigo, estimado assinante e colaborador, sr. José Alves Mestre, digno tesoureiro municipal nesta vila.

Encontra-se na Quinta de Cima, em Cacela, o sr. eng. Sebastião Ramirez, deputado pelo Algarve, nosso ilustre conterrâneo e prezado amigo.

Com pouca demora, esteve nesta vila, com sua esposa, tendo já regressado à sua propriedade das Cevadeiras, o nosso amigo e prezado assinante, sr. Manuel Bravo.

Esteve nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado assinante, sr. Alberto de Sousa Oliva, funcionário superior do Instituto P. C. de Peixe, em Lisboa.

Regressou de Lisboa, onde esteve de visita a seu filho, sr. Diamantino Duarte Baltazar, a sr.ª D. Maria Duarte Baltazar.

De visita a sua família, encontra-se em Setúbal a sr.ª D. Josefina Marques Ribeiro e sua filha Maria da Encarnação Marques Ribeiro, respectivamente, mãe e irmã do nosso prezado assinante, sr. António da Encarnação Marques Ribeiro.

Seguiu, há dias, para Lisboa, aonde foi consultar a medicina, hóspede de seu filho, sr. dr. Francisco Mendes Tengarrinha Júnior, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Francisco Mendes Tengarrinha, residente em Vila Nova de Cacela.

Com pouca demora, esteve nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado assinante, sr. Francisco dos Santos Esteves, residente em Lisboa.

Vimos nesta vila o nosso prezado assinante, sr. António do Ó da Silva, funcionário da Caixa G. D., C. e Previdência, em Setúbal.

Foi a Lisboa, tendo já regressado a esta vila, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Júlio Mendes, director de A Electro Fabril.

Com curta demora, esteve nesta vila, tendo já regressado a Almada de Ouro, o nosso amigo e prezado assinante, sr. Manuel Caldeira Esteves, 1.º cabo da Guarda Fiscal.

Encontram-se em Portimão a esposa e filha do nosso prezado assinante, sr. José Pedro dos Santos.

A assistir ao casamento do sr. João Adelino Rodrigues Centeno, foram a Lisboa o nosso prezado amigo e assinante, sr. José Rodrigues Centeno, sua esposa, sr.ª D. Leonila Libânia Rodrigues Centeno, suas filhas, Maria José e Maria Leonila Rodrigues Centeno, e os srs. José João Rodrigues Centeno e José Adelino Rodrigues Canelas.

Casamentos

Na igreja de S. João de Deus, em Lisboa, realizou-se o casamento do nosso conterrâneo, sr. João Adelino Rodrigues Centeno, funcionário da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, filho do nosso amigo, sr. João Rodrigues Lima Centeno, tesoureiro da Fazenda Pública, em Setúbal, e de sua esposa, sr.ª D. Adelinha Norberta Rodrigues Centeno, com a sr.ª D. Lia dos Santos de Sousa Fortuna, filha do sr. Miguel Fortuna, gerente da agência em Tavira do Banco Nacional Ultramarino, e da sr.ª D. Sílvia de Sousa Monteiro Fortuna, já falecida.

Serviram de padrinhos, por parte do noivo, seus tios, o nosso amigo sr. José Rodrigues Lima Centeno, despachante da Alfândega, nesta vila, e a sr.ª D. Maria Celeste Mendes Centeno, e por parte da noiva, seu pai e sua madrastra, sr. D. Maria Judite Reynaud Costa Fortuna.

Celebrou o acto, o nosso conterrâneo, rev. padre dr. Sezinando Oliveira Rosa, secretário geral da Acção Católica.

Tinturaria Portuguesa APARTADO N.º 21. MATOSINHOS

Bombeiros Voluntários

ACOMPANHADOS pelo seu dedicado comandante, sr. Luís Cardoso de Figueiredo, os componentes do corpo activo dos Bombeiros Voluntários locais foram em romagem ao Cemitério desta vila, no passado dia 1, onde depuseram flores, nas campas dos seus camaradas falecidos.

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

O curso de mestrança de conservas e as inovações industriais no estrangeiro

Como todos sabem, pouco temos evoluído no fabrico de conservas de peixe. Afora algumas tentativas de industriais de mentalidade mais actualizada, que lançaram no mercado novidades que tiveram boa aceitação, a maioria dos nossos conserveiros continua a usar os processos tradicionais de enlatamento. Por mais de uma vez, temos chamado a atenção dos interessados para a necessidade de introduzir inovações no fabrico de conservas de peixe, com o sentido de as melhorar e de se obterem produtos de mais aceitação e de maior valor comercial. Argumentam alguns dos industriais que não estão aptos tecnicamente a ir além da «meia bola e força», e daí a razão por que pedimos que na nossa futura Escola Técnica seja posto a funcionar o curso (criado no papel) de mestre conserveiro, a fim de abrir horizontes novos a uma indústria tão valiosa com é a das conservas de peixe.

E que nós temos razão ao advogar a melhoria e a originalidade no preparo das conservas, prova-o a seguinte local que encontramos nas «Conservas de Peixe» e que transcrevemos:

«As duas mais importantes fábricas de conservas de peixe norte-americanas que são também das maiores do mundo, a «Star-Kist» e «Van Camp Sea Food Co» introduziram no mercado, no princípio do ano, um novo produto, a empada de atum. «O acolhimento que os consumidores lhe fizeram foi verdadeiramente extraordinário, declarando a última firma que em três dias vendeu um milhão de empadas na sua conhecida marca «Chicken of the Sea».

«Na composição da empada de atum, entram muitos ingredientes, tais como, farinha, leite, manteiga, ervilhas, pimenta, cebola, condimentos e monossódio glutamate.»

Enquanto os industriais de carnes vão actualizando os seus fabricos, enquanto os industriais de conservas de peixe do estrangeiro apresentam inovações que

CONTA-GOTAS

Terei necessidade de revê-los, quando for atacada pela intragável solidão.

Um sorriso

A Manuela tem seis anos. É já uma menina instruída, lê e escreve o português e o alemão. Ora a Manuela está na idade em que se pode dizer tudo o que se pensa. A Manuela está para ter um irmãozinho.

—O' Manuela, antes queres um menino ou uma menina? A Manuela era de opinião de que seria melhor uma menina. E explicou: —Os meninos vão para a guerra. E depois... Parou um segundo, de testa franzida. —E depois eles só gostam de brincar aos combóios...

Canção quase sem palavras

Um barco. Uma vela. Vastidão para ir e não regressar mais. Isto é a vida. A vida não tem cais.

Maria Manuela Nunes

agucam o apetite do consumidor, nós não revelamos preocupação de melhoria e ainda somos prestos em distanciar aqueles que nos quiseram proporcionar matéria prima para a nossa indústria... e que é agora aproveitada pelos nossos mais directos concorrentes.

Os criadores da frota atuneira do Pacífico

Foram os portugueses que introduziram na América do Norte a pesca do atum à linha, que tão desenvolvida está hoje no Pacífico. A propósito deste facto e lembrando que o introdutor dessa pesca foi a família Medina, da ilha do Pico, a revista «Pesca», de Los Angeles, escreve o seguinte:

«Neste número, aproveitando a oportunidade de se estar celebrando o cinquentenário do começo da Indústria Atuneira na América, queremos manifestar uma cordial saudação aos que tornaram possível tão importante indústria, os pescadores portugueses que iniciaram na Califórnia a pesca de atum, criando uma frota que ainda hoje mantém e que é fonte de riqueza marítima e uma sólida base para o mercado no território dos Estados Unidos, assim como em todo o continente americano.

«Esses pioneiros, que trouxeram para a América uma tradição e uma experiência marítimas inapreciáveis, são credores de todo o aplauso e da honra da presente celebração. Pela sua origem latina, a revista «Pesca» sente-se ligada a esses laboriosos portugueses, os quais com os seus barcos que percorrem os mares da América, mostrando a amizade e a admiração e difundindo a sua experiência piscatória, honram Portugal, sua nobre terra de origem.»

A propósito, informa o Boletim de Pesca da F. A. O. que a pesca mundial de atum aumentou de cerca de 375.000 toneladas, em 1939, para 450.000, em 1951. E há tendência para aumentar, porque já começaram a ser explorados novos pesqueiros e outros vão ser trabalhados.

A viagem de uma albacora

Uma albacora marcada para fim de identificação e lançada novamente à água, na costa oeste dos Estados Unidos, foi capturada por um pescador japonês, 324 dias depois, a uma distância de 5.000 milhas. Se o peixe tomou rumo oeste logo depois de lançado à água, desenvolveu uma velocidade de quinze milhas por dia.

Os cercos em 1914

Como curiosidade, vamos fornecer o número de cercos e o total das suas pescarias, em 1914, portanto, há quarenta anos. Portimão, 12 cercos e 147.793\$00; Faro, 2 e 26.226\$00; Olhão, 9 e 176.376\$00; Tavira, 1 e 4.236\$00 e Vila Real de Santo António, 13 e 227.237\$00. Ao tempo, era a nossa terra o primeiro porto de pesca do Algarve, situação que tem mantido nestes últimos anos, depois de um lamentável período de decadência cujas origens não vale a pena procurar averiguar.—J. B.

O ATAQUE PERSISTENTE

CALMA que a população dos nossos territórios da Índia tem sabido manter em presença da agressão e de toda a sorte de mentiras que contra nós têm sido propaladas pela União Indiana, revela bem a indiferença com que o povo português daquelas parcelas encara o tal movimento de libertação.

Não desarma, porém, a União Indiana nos seus propósitos, continuando para tanto a alimentar uma campanha vergonhosa, vexatória do direito e da liberdade dos povos e de todo o alto sentido de justiça internacional, mantendo o esbulho dos territórios de Dadrá e Nagar-Aveli e prosseguindo noutras medidas que são irrisórias ante a firme atitude do povo português. Vão-se convencendo os traidores da impossibilidade de conseguirem os seus fins por meio de marchas de esfomeados, visto não encontrarem, entre os portugueses residentes na União Indiana, quem os apoie e lhes secunde os desígnios de traição.

Fingindo desconhecer a firmeza do direito que nos assiste e a opinião mundial que com tanta simpatia nos apoia, a União Indiana todos os dias tenta um novo processo ou insiste na sua atitude de agressão. Assim, tomando abusivamente uma iniciativa, que está sem dúvida fora da alçada do serviço consular e dentro da jurisdição e da soberania portuguesa, pretende aquele país saber o número de operários indianos que trabalham nas empre-

QUANDO CHEGARÁ A NOSSA VEZ?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA) trinta; Nazaré, sessenta; Peniche, cinquenta e duas; Ericeira, dez; Cascais, cinquenta e oito; Costa da Caparica, quarenta e quatro; Sesimbra, setenta; Setúbal, cento e trinta e oito; Sines, vinte; Portimão, noventa e seis; Ferragudo, dezasseis; Olhão, cento e vinte; Fuzeta, trinta; Tavira (Santa Luzia), trinta, e Ponta Delgada, cem.

Na construção destes bairros, a Junta Central das Casas dos Pescadores dispendeu a verba de 15.226.446\$20. Atendendo a que Vila Real de Santo António possui, presentemente, a maior frota pesqueira do Algarve, e sendo o núcleo de pescadores deste concelho um dos mais importantes do Sul do País, ocorre perguntar: Quando chegará a nossa vez?

Falecimento

Isaura Bomba de Sousa No passado dia 22 de Outubro, faleceu, em Faro, onde residia, a sr.ª D. Isaura Bomba de Sousa, esposa do sr. João Evangelista de Sousa, comerciante naquela cidade.

A extinta, senhora de invulgares dotes de bondade, era mãe das sr.ªs D. Isaura de Sousa Camarada Martins e D. Lídia Tomás Lapa, e do sr. João Evangelista de Sousa Júnior, comerciante, e sogra do nosso querido amigo sr. Francisco Camarada Martins, funcionário superior do Banco Português do Atlântico, no Porto, e do sr. Francisco Tomás Lapa, chefe da secretaria da Misericórdia de Faro. O funeral, que se realizou no dia 23, constituiu uma sentida manifestação de pesar. A toda a família enlutada, e especialmente ao nosso prezado amigo e assinante, sr. Francisco Camarada Martins, apresentamos sentidas condolências.

sas mineiras portuguesas com o intuito de complicar a vida económica dos nossos territórios. Mas isto seria o menos. Revolta o que se passa com os pedidos de autorização de entrada na União Indiana, apresentados por habitantes de Damão, que não são recusados, mas, praticamente, é como se o fossem, dadas as dificuldades que lhes opõem, e seria preferível a recusa franca à forma velada e hipócrita como as autoridades da União actuam.

Por outro lado, três barcos de Damão, que pescavam dentro da fronteira das nossas águas, foram apreendidos por uma lancha indiana que ostensivamente patrulha a nossa costa, o que causa receio e mau estar na população, sempre receosa duma cilada.

Mas o direito e o desejo de paz continuam nas afirmações do sr. Nehru, ao contrário da forma como age com Portugal, seu pacífico vizinho, há séculos.

O mundo livre sabe, porém, quais são as intenções do «pacífico» sr. Nehru em relação aos territórios de Portugal. Que outra virtude não tivesse a austeridade e a firmeza da nossa atitude, ao defendermos os sagrados territórios de Goa, Damão e Diu, esta, porém, nos tem de ser creditada: —a de denunciarmos ao mundo a Mentira da paz do sr. Nehru.

EXCELSIOR As melhores tintas para navios de pesca e comércio TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES Avenida da República - Telefone 12

Chávenas de café QUASE AMARGO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA) num século se tinham por pudibundos, em grosseiros se transformaram no século seguinte. Em A Jóia, de Afonso Celso Júnior, concebe o autor uma linda ideia—se bem que psicologicamente um tanto artificial. Um menino, diante da montra dum joalheiro, pede à mãe um camaféu. Ao pedido, responde a mãe com um beijo—dizendo que esta jóia vale mais que a outra. E logo o menino lhe responde que se está assim tão rica de jóias, lhe dê um colar...

O inverosímil está em que o menino não perceberia a mãe com aquela oferta preciosa, e bateria o pé, e choraria, para que a mãe lhe desse a jóia da montra. Isso é que nos parece de acordo com a psicologia infantil.

São dessa poesia algumas expressões feitas como, por exemplo, aquela em que mãe e filho «lambem com o olhar» as pedrarias da vitrine.

REGISTO ESSENCIAL

A respeito de um livro de aritmética, emitiu uma autoridade pedagógica esta opinião: «Infelizmente, este livro carece de todos os ideais: espiritual, científico, pessoal, afectivo, estético, imperialista, nacional, educativo, filosófico.» Os requisitos que o livro não tinha seria o pedagogo capaz de os dar a livro de aritmética que porventura escrevesse. E para isso, precisa do dito pedagogo de um requisito que, na verdade, não lhe faltava, antes lhe sobrava: ser besta quadrada! Cruz Malpique

AGENDA

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes entries for MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António and TRAIINEIRAS.

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes entries for MOVIMENTO DE NAVIOS NO PORTO de Vila Real de Santo António.

FARMÁCIA DE SERVIÇO Está de serviço permanente, de 6 a 12 de Novembro, a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

ESTRADA BEJA-MÉRTOLA

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA) nosso país, uma tarefa verdadeiramente notável.

Na estrada em questão, para que nos permitimos chamar a atenção e os cuidados das entidades competentes, não se compreende facilmente o abandono a que tem estado votada, no referido troço Beja-Mértola, dada a sua excepcional importância, e, ainda, atendendo ao intenso tráfego que por ali se faz — particularidades que não podem passar despercebidas a quem quer que seja.

Não faz sentido que toda a importante região do Baixo Alentejo e o sotavento do Algarve, que têm nesta estrada a sua principal via de acesso, estejam, ano após ano, a sofrer as consequências de um desconcerto que é origem de constantes aborrecimentos e prejuízos, tendo, ainda por cima, a agravante de estar a grangear uma fama que, por todos os motivos, é absolutamente necessário evitar. Podemos alimentar esperanças de ver esta questão resolvida, com a urgência que as circunstâncias aconselham? D. P.

Inauguração em Albufeira DE CASAS PARA PESCADORES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA) A inauguração, que terá lugar às 11 horas de hoje, assistem os srs. presidente da Junta Central da Casa dos Pescadores e vogais, Governador Civil de Faro, presidente da Junta de Província do Algarve e muitas outras entidades civis e militares do distrito, que se encontram convidadas para aquele fim.

Cobrança

Informamos os nossos prezados assinantes de que estão à cobrança os recibos referentes à 8.ª Série de «Notícias do Algarve», números 71 a 80, pelo que antecipadamente agradecemos o seu bom acolhimento. A falta de pagamento ao cobrador ou nas estações postais, dentro do respectivo prazo, implica a devolução dos recibos e, conseqüentemente, um agravamento de despesas, que a situação da Pequena Imprensa não comporta. Contamos, por isso, com o bom acolhimento de todos.



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

OLHANENSE, 1 — ORIENTAL, 2

O CAMPO de jogos do S. C. Olhanense registou a primeira enchente desta época, com a visita da valorosa equipa do Clube Oriental de Lisboa.

O jogo, tinha bastante interesse para os algarvios, pois a vitória do Olhanense vinha a fortalecer as naturais aspirações que o clube tem. No entanto, a vitória coube ao grupo visitante.

Uma derrota, em face dos mil e um problemas desportivos, materiais e até sentimentais que o campeonato levanta, é sempre dolorosa de suportar. Neste caso, deve ter constituído uma grande contrariedade para as aspirações do Olhanense e, mais do que para ela, para os próprios associados. Compreende-se, por isso, a desolação que assaltou o espírito dos adeptos do Olhanense, quando, de um estado de tranquilidade, tiveram de passar para outro de ansiedade. Cada segundo que o cronómetro avançava, na sua marcha inexorável — que nunca terá parecido tão apressado — era uma nova angústia e uma nova dúvida.

E depois, veio o golo, aquele golo tocado da fortuna, uma grande penalidade bastante forçada, por mão infeliz do valoroso defensor Tavares. O empate de 1-1 registou-se no 1.º tempo, e então aquilo que se adivinhava — que a equipa vencedora seria a que primeiro marcasse — passou a ser uma dolorosa realidade.

A pressão do Olhanense, nos últimos 15 minutos, isto é, depois do golo sofrido, tem que aceitar-se como natural. Mas a defesa visitante, a jogar com acerto e acima de tudo reforçada com os médios e interiores, não consentiu que o Olhanense fizesse o golo do empate. Poderia o clube de Oihão obter o empate e quiçá a vitória, se tivesse jogado doutra forma, que não fosse o esférico andar pelo ar. Assim não poderiam marcar golos, como aliás não marcaram.

Claro que o Olhanense pode falar em falta de sorte do jogo. Sofreu um golo, no primeiro tempo, que poderia ser salvo por Abraão, o qual foi batido infantilmente, e outro golo na segunda parte, na transformação de grande penalidade.

Tiveram, no primeiro tempo e nos minutos finais da segunda parte, remates que só não entraram por manifesta falta de sorte e também de calma, especialmente o potente remate de Del Duca, que Edmundo s. ube defender inteligentemente.

Portanto, o empate que andou sempre à vista seria o mais justo. Não esqueçamos, no entanto, que o Oriental tem uma equipa bastante experiente. Principalmente a defesa, que é sem dúvida o sector mais forte da equipa. Possui, na linha da frente, esse malabarista do futebol português, que se chama Rogério, e que fez coisas que valeram pelos noventa minutos.

Tinturaria Portuguesa
APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

CINE-FOZ

Exibe, hoje, em technicolor, um filme que é o encanto de adultos e crianças, *O tesouro escondido*, com William Powell, Júlia Adams e o pequeno actor Tommy Ivo. Um tesouro incalculável é encontrado numa floresta, mas temendo que ele traga o desmoronamento dum felicidade, um garoto lança o para o fundo dum cascata, onde depois arrisca a vida para o recuperar.

(Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

Quinta feira, 11, o mais extraordinário filme italiano, *Novo dia*, com Totó, Aldo Fabrizi, Peppino de Filippo, Lea Padovani e Laura Gore. A aventura algre com uma dama, que se transforma numa comovente história maternal de amor.

(Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

Nos dias 21 e 22, este cinema apresenta a obra prima de Chaplin, *Luções da Ribalta*.

FOGÃO A LENHA

Vende-se um fogão a lenha, em bom estado, marca «Oliva».

Trata: Luis Félix da Silva — Vila Real de Santo António.

Nada mais podemos dizer deste encontro, que deixou tristes recordações aos adeptos do clube algarvio.

Nos orientistas, todos se portaram bem e no Olhanense, Del Duca e Simões foram os melhores. Santiago apresentou-se fisicamente mal preparado. Lamentamos tal, pois ele, em boas condições, serve bem o grupo.

A arbitragem, do sr. Jacques Matias não agradou.

Portimonense, 2 — Farense, 1

Este jogo, entre algarvios, terminou com o resultado, bastante justo, de dois a um, a favor dos visitantes. Os farenenses jogaram muito abaixo das suas possibilidades. Poderiam, talvez, empatar o desafio, se não fora a pouca sorte de Bento, quando se encontrou sozinho com o guarda-rosas. No entanto, a vitória ajusta-se ao desenrolar do jogo e pela melhor técnica dos barlaventinos.

O sr. José Santos Marques arbitrou com autoridade.

Herculano Valente

Hoje, no Campo «Francisco Gomes Socorro», em Vila Real de Santo António:

LUSITANO — C. F. ESPERANÇA

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

Por este se anuncia que no dia 20 do próximo mês de Novembro, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, se há-de proceder à arrematação, em hasta pública e em 1.ª praça, do direito e acção do executado Manuel da Palma, viuvo, residente no Monte das Soalheiras, freguesia e concelho de Castro Marim, desta comarca, à meação dos bens comuns do seu casal já dissolvido, por óbito de sua mulher Maria da Conceição, e pelo maior preço oferecido acima da quantia de duzentos mil escudos, indicados nos autos de execução sumária que Reinaldo Bento, residente nesta Vila, como exequente, move contra Manuel da Palma, viuvo, residente no Monte das Soalheiras, freguesia de Castro Marim.

São por este notificadas as pessoas a quem a lei reconhece o direito de preferência, para exercê-la, querendo, no acto da praça.

Vila Real de Santo António, 30 de Outubro de 1954.

O Chefe da Secção de Processos,
a) António Figueiras da Cruz
Verifiquei

O Juiz de Direito,

a) Francisco Nunes Correia

Admissão aos Liceus e Escolas Técnicas

EXPLICAÇÕES DE FRANCÊS E INGLÊS

HABILITA-SE

Informa-se, na Rua Barão de Rio Zêzere, 58 - Vila Real de Santo António.

A NOSSA TERRA
DONATIVOS PARA A PRIMEIRA FASE
DAS OBRAS DO ALTAR-MOR
DA IGREJA PAROQUIAL

CONTINUAMOS a registar o maior interesse e entusiasmo, da parte dos católicos da Nossa Terra, pela obra importantíssima, que ora estamos empenhados em realizar, e que ficará a valorizar extraordinariamente o património artístico da nossa igreja paroquial. De todos os sectores da importante Família Paroquial, da nossa freguesia continuam a afluir generosos donativos. Com muita satisfação, apresentamos hoje nova lista de contribuintes, que vem ampliar largamente a relação já publicada, em dois números anteriores do «Notícias do Algarve».

OFERTAS (continuação)

Transporte do número anterior	81.589\$20
Sr. João Cumbreira Ramirez	2.500\$00
D. Isabel Dominguez Ramirez	2.500\$00
D. Maria das Dores Dominguez Ramirez (2.ª oferta)	500\$00
Menina Maria del Carmen D. Ramirez	500\$00
D. Maria de São José Cid	50\$00
D. Rita Ponce Medeiros	250\$00
D. Celeste Carrilho Medeiros	100\$00
D. Maria Cândida Medeiros	250\$00
D. Hélia Rodrigues Salas	100\$00
Sr. José Baptista Salas	100\$00
D. Manuela Ximenes	50\$00
Sr. António Pinheiro Júnior	50\$00
Sr. José Rodrigues Marques e Família	500\$00
Sr. Emilio Costa e Esposa	100\$00
Sr. Custódio Aranha e Família	110\$00
D. Maria Alexandrina Coquenão Folque	50\$00
Sr. Fabrício Pessanha de Barbosa e Esposa	1.000\$00
Sr. Mário Antunes Lança	50\$00
D. Orlanda Almeida Lança	50\$00
Sr. José de Lima	50\$00
D. Maria das Dores Barroso Sanches	500\$00
D. Irene da Graça Nunes Correia	100\$00
D. Felisberta Gomes Horta	200\$00
D. Encarnação Cardoso Delgado	50\$00
D. Maria Hermínia de Sousa	50\$00
Sr. José Rodrigues de Lima Centeno	100\$00
D. Leonila Rodrigues Centeno	100\$00
Sr. João Barroso Gomes Sanches	100\$00
Sr. José Graciliano Vieira Carmo	100\$00
Sr. Joaquim Teixeira Marques	100\$00
D. Isabel Dominguez Carrilho	100\$00
Sr. Manuel da Silva Pena e Irmão	50\$00
Sr. José Pedro de Sousa Oliva	50\$00
D. Luísa Socorro Folque	50\$00
D. Amália de Mendonça Rocha Cruz	50\$00
D. Ernestina Godinho Vargas	300\$00
D. Alice Rodrigues Palma	1.000\$00
D. Adriana Machado	50\$00
D. Matilde Ribeiro Rosa	50\$00
D. Rita Costa Mestre	100\$00
Sr. António Ferreira e Esposa	50\$00
D. Laura Garcia Pego	50\$00
A transportar.	94.199\$20

A campanha para se atingir os 110.000\$00 continua e aproximase do seu termo. Que nenhum vilarrealense, embora ausente da sua terra natal, deixe de contribuir para estas importantes obras na igreja em que recebeu as águas lustrais do Santo Baptismo.

O Pároco, Padre Joaquim Galhardo

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS

A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

RAMOS & MATEUS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Holland-America Line



AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C. A. L.ª

4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA

TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“ALMDYK”

carrega em LISBOA em 27 de NOVEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DALERDYK» — 27 de Novembro

Para si, minha senhora

UM VESTIDO DE RENDA DA MADEIRA CONQUISTA O BRASIL

A MULHER brasileira é talvez uma das mais lindas mulheres do mundo e, sem a menor dúvida, uma das mais elegantes. E' corrente vestir modelos dos grandes costureiros franceses, quando não vai ela própria colhê-los a Paris. As redactoras de modas e as cronistas mundanas, habituadas a toda esta beleza e a toda esta elegância, são geralmente um pouco severas na apreciação da formosura, da gentileza ou da elegância femininas. Por isso nos impressionaram muito agradavelmente as apreciações feitas, em tempos, por estas jornalistas, à gentileza, à compostura e à beleza das raparigas estudantes que, integradas no Teatro dos Estudantes de Coimbra, então visitarão o Brasil, apreciações a que, de resto, nessa altura nos referimos. Por igual motivo nos são gratas as apreciações feitas, agora, nos jornais brasileiros, a uma senhora portuguesa que recentemente ali também esteve.

As redactoras dos jornais do Rio de Janeiro destacaram a gentileza, a inteligência e o saber-vestir dessa ilustre senhora, esposa do Ministro dos Negócios Estrangeiros. Uma delas, descrevendo uma recepção na Embaixada de Portugal no Rio de Janeiro, diz mesmo, a certa altura: «Com a beleza e a elegância da senhora de Faria já nos havíamos habituado. Surpreendunos, porém, a juventude, a formosura e a elegância da senhora de Cunha, que se nos afigurou uma grande dama, em todo o mais amplo sentido que esse qualificativo possa ter...»

Noutro jornal, lê-se: «Teve destacada actuação como dama da sociedade, e das mais ilustres que o Rio tem conhecido, a esposa do ministro Paulo Cunha. Elegante, fina, simpatíssima, dona de um espírito aberto aos gestos nobres e às atitudes fidalgas, a senhora de Paulo Cunha fascinou o mundo social tanto da metrópole brasileira como de S. Paulo.»

Outro jornal, focando ainda a sua gentileza e amabilidade, relata a maneira simples, «ao mesmo tempo fidalga e gentil», como a ilustre senhora conversou desprentiosamente com um estudante de Coimbra, comentando risonhamente o diminuto comprimento da capa, já muito rotinha, mercê das inúmeras dádivas oferecidas às «mocinhas» brasileiras.

As revistas femininas e as páginas das «mulher» de alguns dos grandes jornais publicam, igualmente, retratos da senhora Dona Maria Amélia da Cunha e entrevistas com ela, mas, entre tanto comentário amável, desvanecedor para nós, mulheres de Portugal, destaca-se a surpresa, o encanto que lhes causou um lindíssimo vestido de renda branca, apresentado numa das recepções, modelo que não veio de

CORTE DE COSTURA



Irma dos Mártires Mateus participa que abriu uma inscrição para corte e costura, em conjunto, habilitando as alunas a aprender a confeccionar todos os trabalhos referentes ao mesmo curso.

Preços módicos. Quem pretender inscrever-se pode fazê-lo na Rua Teófilo Braga, n.º 59, nesta vila.

Nova Traineira

VAI ser lançada à água, no próximo dia 11 do corrente, mais uma traineira, destinada à pesca na costa de Luanda (Angola). Esta nova unidade foi construída pelo nosso amigo e prezado assinante, sr. António Pena, nos seus estaleiros desta vila,

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprar, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

CASA

Vende-se, localizada na Rua Cândido dos Reis, n.º 163, desta vila. Tratar na Avenida da República, n.º 118.

Paris nem de Viena (a senhora Dona Maria Amélia da Cunha manda fazer todos os seus vestidos em Portugal) — mas foi confeccionado por uma modista lisboeta com renda bordada pelas mãos hábeis das bordadeiras da Ilha da Madeira.

E' nos grato saber que, lá muito longe, no Brasil, as senhoras mais elegantes sonham e desejam agora uns tantos metros dessa renda portuguesa, só porque uma bonita mulher, inteligentemente, se sabe vestir na sua terra...

Vimos para si nas montras do Chlado...

...grandes botões de madrepérola colorida, nos casacos compridos e nos dos «tailleurs»;

...pequenos capuzes engraçados, feitos de pele ou de tecido de lã;

...um novo tom nas luvas para 1955: o cinzento azul-prateado;

...«clips» em forma de pequenos animais e cravejados de pedras;

...flores de penas coloridas, para usar na banda dos «tailleurs»;

...e uma verdadeira invasão que começa: a dos laços de veludo ou de cetim, colocados nas golas, nas saias, nos cintos, nas carteiros e até... nos sapatos!

Noémia Gil Faria

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«VISOR»

Recebemos o n.º 18 de «Visor», excelente revista portuguesa de cinematografia, respeitante à segunda quinzena do mês de Outubro, de que é director o brilhante jornalista e técnico cinematográfico, sr. Fernando Duarte.

Do seu interessante sumário, destacamos: «Congresso Nacional de Cinema», «Amor 47», «Henri Verneuil», «A pintura e o cinema», crónica de Jean Trileut, «Linhas e premissas de uma breve história do cinema», por Carlo Lizzani, «Existe um neorealismo japonês?», de Georges Sadoul, «Novo Ensaio de Filmografia de Jean Renoir», por Carlos Fernandes Cuenca. Insere, ainda, noticiário de Cine-Clubes, bibliográfico e sobre actividades cinematográficas no estrangeiro, além do excerto de uma interessante entrevista com Jean-Paul Sartre.

No capa: Gérard Philippe e Joan Greenwood, num plano de «Monsieur Ripois».

«O CRONISTA»

Acaba de aparecer o n.º 11 deste esplêndido jornal de Cultura e Arte, que se publica em Lisboa, sob a direcção do ilustre escritor e jornalista, sr. dr. Alberto Xavier.

«O Cronista» veio preencher uma larga lacuna que de há muito existia no nosso país, em matéria de publicações de carácter essencialmente cultural, e tem-no conseguido com um brilhantismo verdadeiramente digno de encómios. O último número, como aliás todos os outros publicados anteriormente, dá-nos uma notável série de artigos, em que são tratados assuntos de palpitante interesse nos vários sectores das letras, das ciências e das artes, completados com noticiário diverso, crítica literária, bibliografia, acontecimentos mundanos, desportos, etc..

E' um excelente jornal, com excelente apresentação gráfica.

Os pedidos de assinatura devem ser endereçados directamente à Redacção e Administração—Rua do Salitre, 155-2.º, em Lisboa.

A PROPÓSITO de uma local com este título, vinda a lume num dos últimos números do «Noticias do Algarve», recebemos, dos Serviços de Imprensa do Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, com o pedido de publicação, o seguinte esclarecimento:

«O jornal «Noticias do Algarve», numa local com o título «O Algarve e os CTT», publicada no seu número de 3 de Outubro, alude à necessidade de novos circuitos telefónicos da capital para o Sul.

Informa-nos, a propósito, a Administração Geral dos CTT de que em face dos valores de tráfego acusados pela última estatística, se conclui que as deficiências verificadas não são de molde a provocar um serviço de má qualidade.

No caso salientado de Vila Real de Santo António, o número total de circuitos é o necessário para um serviço satisfatório.»

ANA SEGHERS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

no», coleção editada pela Livraria Atlântica, de Coimbra, publicou-se recentemente um livro duma escritora alemã, certamente, ainda ignorada pelo grande público português. Forçada também a ausentar-se da Alemanha, Ana Seghers viveu os anos de 1933 a 45, na França e no México. Duma das suas obras mais conhecidas e apreciadas, extrairam os americanos, nos anos da febre da propaganda anti-nazi, um filme que ficou muito aquém do valor do romance. O romance é, de facto, excepcional, e constitui uma das obras mais poderosas escritas no nosso tempo. É um libelo contra os processos bárbaros do nazismo, mas é também uma extraordinária obra de arte.

Escrevendo com simplicidade, apresentando os factos com segurança, a escritora não nos fala nas violências perpetradas nos campos de concentração, mas nem por isso deixa de estigmati-

zar a desumanidade duma concepção de vida que conduzia os homens, perseguidores e perseguidos, à sua degradação e aviltamento. «A Sétima Cruz» é a narração patética dum grupo de homens que foge dum desses campos da morte, é a luta desigual quase sem esperanças, entre esses homens perseguidos e uma engrenagem bem montada, requintadamente organizada, disposta a aniquilar toda a coragem e vontade de viver. E o leitor, ao seguir essa odisséia de coragem e terror, vai tomando contacto com o desespero, a agonia a que chegou um povo inteiro. O medo apoderou-se de toda a gente; o medo é o único sentimento vivo nesse infeliz povo — tudo o que o fazia grande, tudo o que era até aí simples, normal na vida de cada indivíduo, foi arrebatado por uma vaga de loucura e de infelicidade colectiva.

A história é narrada maravilhosamente, não esquecendo a escritora qualquer pormenor que permitirá a qualquer um de nós reconstituir toda a vida na Alemanha dos dias de Hitler. Homens, instituições, ambientes, tudo é erguido por essa mulher que sentiu e compreendeu o drama da sua pátria.

«Nunca, talvez, na história dos homens, se cortaram árvores mais estranhas que os sete plátanos diante da barraca III. A parte superior já tinha sido podada, por motivos que serão explicados mais tarde. A altura dos ombros de um homem, tinham-se pregado aos troncos estacas transversais, de maneira que, à distância, as árvores pareciam outras tantas cruzes.

Ao passo que Faehremberg poderia, de repente, mandar surrar-nos até nos deixar em pedaços, Sommerfeld teria ordenado que os homens se enfileirassem diante dele e que um, em cada grupo de quatro, fosse açoitado, até que lhe arrancasse a pele. Disso também não sabíamos ainda. E se o tibessemos sabido? Que importância teria, diante do que sentimos quando as seis árvores e, finalmente, a sétima foram cortadas? Um pequeno triunfo, em face da nossa incapacidade material de defesa e das nossas roupas de condenados; mas assim mesmo um triunfo — há quanto tempo experimentáramos, pela última vez, aquela sensação — que nos tornou, súbitamente, conscientes da nossa própria força: força que, por muito tempo, consideráramos apenas uma das forças comuns da terra, computada em números e medidas, embora seja a única possível de crescimento repentino e incalculável.»

Assim, a autora começa uma das histórias mais dramáticas do nosso tempo. Depois, é toda uma infernal engrenagem que se movimenta: são as motas da S. S., os holofotes a varrerem as estradas, os apelos constantes pela Rádio, a caça feroz ao homem, através de todos os caminhos. E o leitor, seguindo a perturbante fuga de George Heisler, toma contacto com toda a população, penetra nas casas, e fica a saber muito da Alemanha dos dias de Adolfo Hitler. Lembramo-nos das palavras do pequeno Paul Roeder, em casa do qual George procura refúgio, por algum tempo, e que são bem características do grau de bestificação a que se chegara: *E o que digo, nunca, até agora, na história, se tentou coisa parecida.* E George pensa, como a corrigir a afirmação do amigo: *Nunca se tentou uma traça dessa ordem em tão grande escala.* Há páginas inesquecíveis, como aquelas que descrevem a morte de Wallau e as repercussões que o acontecimento tem no meio dos seus conhecidos. Não sabemos se a escritora possuía experiência directa dos acontecimentos que se desenrolavam no solo alemão, ou se escreveu o livro sobre depoimentos indirectos;

tivo da sua mudança.

O seu patrono foi um genial poeta lírico e um devotado amigo da instrução, alheio à política e condecorado pelo rei D. Carlos I.

Que teria João de Deus feito no Céu, para o seu nome ser apagado na Terra?!

Marcos Algarve

de qualquer maneira, o livro resultou um testemunho eloquente dessa negra época.

Alguns dos contos que formam «A Antologia» agora publicada, reportam-se aos tempos de Hitler, outros a uma época mais recente, situando-se já na atmosfera social deixada pela segunda guerra mundial. A escritora retoma alguns dos seus velhos temas, tanto da sua preferência. Embora vivendo muitos anos afastada do seu país, o seu povo esteve sempre presente no seu coração. No conto «O Passeio das Raparigas mortas», narra, alternadamente, os sucessos de duas épocas diferentes, seguindo o destino de cada uma das raparigas que tivera como condiscípulas num colégio. Em frases e pensamentos rápidos, dá-nos o retrato de todas as jovens, analisando as transformações que se operaram nas suas vidas e caracteres através do curso do tempo. Na novela intitulada «O Fim», aproveita o tema do seu romance «A Sétima Cruz», e descreve a perseguição a um homem, antigo guarda dum campo de prisioneiros. O perseguidor torna-se então perseguido. Todo um povo persegue e acusa esse homem. Mas as personagens George Heisler e Zillich provocam reacções diferentes nos leitores; enquanto um consegue despertar no leitor ideias de solidariedade, o outro só lhe causa repugnância. E não se diga que isto se deve ao procedimento usado pela escritora, pois a antipatia ou simpatia que nos merecem essas duas diferentes criaturas explicam-se pelos papéis que cada um desses homens desempenharam na vida. George Heisler não é, de maneira alguma, o homem perfeito, isento de máculas, pois sabemos que até a um dos seus amigos mais íntimos roubou a noiva, embora isso não impedisse que mais tarde esse amigo contribuisse dum forma decisiva para a reconquista da sua liberdade. Ana Seghers, perante a realidade dramática que se deparava aos seus olhos, nada tinha a imaginar ou a forçar as coisas, já que os factos falavam tão alto, que todos os artificios eram escusados. É essa seriedade na observação, aliada a uma simplicidade de narrativa, a apresentação de tipos e ambientes, que lhe dão um lugar singular na moderna literatura alemã.

Nem sempre uma antologia de textos nos dá a verdadeira medida do valor do escritor. À escolha de textos presidem as próprias preferências e gostos da pessoa que se incumbiu de tal tarefa: mas supomos bem, no caso do livro de Seghers, traduzido pela Dona Ise Losa, uma senhora nascida na Alemanha, que conhece e escreve admiravelmente a nossa língua, como o atestam as suas obras já publicadas, o leitor português ficará com ideias exactas do valor da autora de «A Sétima Cruz».

Num país onde a produção de originais não é abundante e onde as traduções das obras estrangeiras nem sempre obedecem a uma selecção criteriosa, o livro de Ana Seghers veio facultar ao nosso público o conhecimento duma escritora contemporânea, que é justamente considerada e apreciada em todos os países cultos do mundo.

Rodrigues Pena

«HERÓIS DA ÍNDIA»

COM uma dedicatória extremamente gentil, foi-nos enviada, pelos seus autores, a marcha «Heróis da Índia», com música do distinto compositor, sr. Arnaldo Martins de Brito e letra da ilustre poetisa e escritora, sr.ª D. Mécia Mousinho de Albuquerque.

Esta marcha é dedicada ao sr. general Paulo Bernaldo Guedes, Governador do Estado da Índia, e o produto da venda da obra reverte para os soldados em missão naquele longínquo Estado.

Agradecemos, penhoradamente, a amabilidade da oferta.

O MEU SENTIR

Dentro de mim crepita aquela chama
Que torna rubro o meu ardente sangue,
Que a minha voz continuamente clama
Neste deserto que me deixa exangue!...

Para dizer, na língua dos meus versos,
Toda a loucura destas mãos nervosas,
E' ver, alucinantes e dispersos,
Cravos vermelhos a beijar as rosas.

Sentir que à vida vamos nós buscar
A doce claridade que deleita,
Eterna flama que nos faz amar...

E' ser poeta e desfolhar as mágoas,
E' conhecer uma alma insatisfeita
Na Caravela Mística das Águas!

NATÉRCIA ALGARVE

O VALOR DA ALFARROBA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

provincia, de cuja valorização a alfarrobeira, pela sua rusticidade, é o elemento preponderante.

No período anterior a 1914-1918 o comércio de alfarroba fazia-se regularmente, sendo o mais importante mercado a Inglaterra, o qual absorvia quase inteiramente a nossa produção.

Posteriormente à guerra de 1914-1918, o nosso comércio desviou-se para a Alemanha, país que no entanto poucos anos depois passou a restringir as suas compras, tornadas praticamente nulas em 1932. O comércio de alfarroba atravessou então uma grave crise, pois que o mercado interno provido de outras rações para o gado, e não conhecendo bem ainda o valor da alfarroba, era então muito fraco comprador.

Alguns anos depois, porém, a Inglaterra interessou-se novamente pelo produto e a crise foi rapidamente debelada, de tal modo que em 1937 estavam praticamente esgotados todos os grandes «stoks» acumulados.

Em 1939, com a última guerra, as coisas de novo tornaram a piorar, mas nunca atingindo a gravidade da anterior crise, em virtude principalmente, do mercado interno passar a ser grande consumidor da nossa alfarroba.

Terminada a guerra e levantadas as restrições governamentais que impediam a saída do produto para o estrangeiro, a fim de acudir às necessidades do nosso mercado, a exportação de alfarroba foi readquirindo o seu ritmo normal, amplificando-se até, a ponto de chegar a atingir, em 1952, o elevado contingente nunca até então conseguido de 44 milhões de quilogramas, no valor de 84 mil contos!

A reforçar ainda este progresso, há a juntar o facto seguinte: anteriormente a 1941, a alfarroba era na sua quase totalidade exportada inteira, e os mercados importadores beneficiavam assim da grãinha, produto de alto valor industrial, e que lhes saía pelo preço do fruto.

Hoje, reconhecida a riqueza da grãinha, exporta-se já parte da alfarroba no estado de triturada, o que permite a venda separada da grãinha; existem assim no Algarve algumas unidades industriais não só para trituração e farinação do fruto, como também para farinação da grãinha.

Deve, contudo, frizar-se que ainda está longe de se chegar ao aproveitamento integral dos múltiplos produtos que a alfarroba e a grãinha fornecem à indústria estrangeira, pois que por ora, apenas preparamos e vendemos a matéria prima para esta.

No que respeita aos nossos mercados da alfarroba, continua a distinguir-se a Inglaterra, que embora com irregularidade, nos continua adquirindo o nosso produto; mas o facto mais saliente, sob este aspecto, é talvez o aparecimento, no quadro dos nossos melhores compradores, de dois pequenos países: a Holanda e a Bélgica, o primeiro dos quais durante o triénio de 1950-1952, figurando sempre à cabeça dos importadores com volumes de compras notáveis. Por o assunto oferecer interesse, pro-

curei esta Junta obter junto destes mercados alguns elementos informativos sobre a utilização do nosso produto no arraaçoamento do gado.

Segundo informações colhidas na Bélgica, a nossa alfarroba começou a ser mais largamente utilizada depois da última guerra, especialmente na alimentação do gado porcino, entrando na ração composta, na proporção de 5 a 10%.

Submetido o nosso produto à análise e controle dos Serviços de Fiscalização do Ministério da Agricultura Belga, nenhum inconveniente de ordem química foi encontrado, além da presença do ácido tánico que reduz as albuminas totais a cerca de 30%. Segundo a estação oficial que realizou o controle, a nossa alfarroba era alimento especialmente indicado para o gado suíno e cavalar, dado o seu elevado teor em açúcares, que o tornam produto de elevado poder energético.

A alfarroba tem sido assim utilizada em grande parte em substituição de alimentos à base de melassos na alimentação de suínos, entrando também na alimentação de bovinos em rações diárias de 2 a 3 quilogramas quando misturada com outros elementos ricos em azoto.

Os meloaços a que acima nos referimos são provenientes de fábricas de açúcar belgas, que os produzem em elevadas quantidades. Estes meloaços têm cerca de 48% de açúcares, regulando o respectivo preço por cerca de F. B. 1,75 por quilograma.

A generalização da alfarroba tenderá possivelmente a acentuar-se, em virtude do emprego de meloaços apresentar um sério inconveniente: o facto de ter que se fazer a respectiva incorporação nas rações compostas, a quente, pois só deste modo se consegue evitar, de algum modo, a tendência para a formação de grumos em contacto com as farinhas alimentares da ração, o que impede, como se compreende, uma boa mistura.

Os importadores belgas apontam à alfarroba apenas um inconveniente de ordem mecânica: o facto de a respectiva moenda oferecer certa dificuldade, dado o elevado teor em açúcares do produto, que não permite moê-lo isoladamente em moíños ordinários, sendo necessário, segundo indicam, recorrer a moíños de martelos.

No que respeita à Holanda, os criadores holandeses empregam a alfarroba triturada, misturada com outros elementos, sob a forma de farinhas ou bolos. A percentagem de alfarroba empregada não vai além de 10%, sendo constituídos os restantes 90% por linho, soja e amendoim.

Segundo as informações colhidas, cre-se que tem contribuído grandemente para a divulgação do nosso produto o seu baixo preço em comparação com o de outros elementos, e que, a não se verificar este, a difusão do nosso produto não teria sido possivelmente tão notável.»

Visado pela Comissão de Censura

A CONTRADANÇA DOS NOMES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

primeiro filho, deu-lhe o nome de Edmundo. Este menino morreu com cinco anos de idade, deixando em toda a família um desgosto perdurável.

Mais tarde, a mesma irmã teve outro filho e pensou logo dar-lhe o mesmo nome.

A mãe e a irmã mais velha, muito tementes a Deus e ao Diabo, tentaram dissuadi-la desse propósito. Mas ela teimava e eu, na sombra, dava-lhe alento e razão. E novo Edmundo cresceu, floruiu e continua a ser um encanto de toda a família... O pior é que os cabelos brancos começaram precocemente a aparecer-lhe, talvez como feitiço de qualquer crioula ou indiana que o amassel!

A contradança dos nomes segue um ritmo normal, umas vezes com a sua pontinha de religião, outras vezes com o seu tique poético. Não há que lhe torcer a continuidade nem opôr argumentos sensatos. Cada um é do seu tempo.

Violante, Beatriz, Júlia, Laura, Natércia ou Leonor vão perdendo a simpatia popular. As Marias é que estão em voga.

Durante anos, foram semeadas as Marias de Lurdes, mais tarde chegou o milagre de Fátima, e as respectivas Marias formam uma legião imensa, juvenil e palradora.

O poeta Fausto Guedes Teixeira, que se formou em Direito, veio arribar a Loulé, como ajudante do conservador do Registo Predial, que era então o dr. Ataíde de Oliveira, um padre que deixou as belas missas para se dedicar às belas letras. Deve estar no Céu e penso ainda escutar a sua voz, em uma sessão de Espiritualismo...

Dum soneto de Fausto Guedes, consagrado às Marias, transcrevo os dois tercetos, que são mesmo dois harpejos embaladores:

Santa entre as santas, bela entre as mais belas,
Que bem te dá o nome de Maria!
Há um cruzeiro no Céu com cinco estrelas!...

Nome que deixa sempre os lábios doces,
Tua alma é já de si essa ambrosia...
Eras Maria... embora não o fosses!

O Fausto Guedes foi um lírico gracioso, de forma vaga e filosófica, como quase todos do seu curso, dos quais se destacaram Augusto Gil, Vilela Passos e Gonçalves Cerejeira. O Alexandre Braga, o António Macieira e o Carlos Fuzeta foram do mesmo curso, e a sua visão poética, um tanto embebida na política que dominava essa geração coimbrã, derivou para a oratória. Foram estes factores dominantes que os impeliram para o foro e o Parlamento. Todavia, o Fausto e o Fuzeta ficaram unidos por largos anos, restando dessa alegre fraternidade o livrinho de versos «Boa Viagem», que o primeiro dedicou ao segundo.

Eu reagi contra a febre intermitente das Marias. Das minhas três filhas, nenhuma se chamou Maria. Mas a moda é duma tirania obstinada e contagiosa. Tinho três netas e todas três são Marias.

Este caso de regressão nominal fez-me lembrar um caso de regressão pedagógica, quando há anos conversava com um médico superiormente culto e talentoso — Ernesto Cabrita — sobre a evolução do ensino na Alemanha: apresentou-me, numa revista científica francesa, um político alemão que pedia ao governo, no Parlamento, para tirar aos jesuítas o ensino popular, e que, cem anos depois, um neto do mesmo político pedia ao governo precisamente o contrário!...

A contradança dos nomes, justo é dizê-lo, também avassalou ruas e liceus. Ruas há, que voltaram a nomes deprimentes, como este: Rua da Cadeia Velha. Liceus com nomes de vultos notáveis, antigos e modernos, foram apagados.

No entanto, alguns ficaram, como o de Camões, Alexandre Herculano e Maria Amália Vaz de Carvalho. Houve um, porém, que eu ainda não percebi o mo-